

## “Epidemia” de violência nas escolas brasileiras e os efeitos na saúde dos sobreviventes: uma perspectiva a partir das experiências adversas na infância

“Epidemic” of violence in Brazilian schools and its impact on the health of survivors: a perspective based on adverse childhood experiences

“Epidemia” de violencia en las escuelas brasileñas y sus efectos en la salud de los supervivientes: una perspectiva basada en experiencias adversas en la infancia

*Lucas Alves Jural*<sup>1</sup>

*Patricia de Andrade Risso*<sup>1</sup>

*Antônio José Ledo Alves da Cunha*<sup>2</sup>

*Fábio Anevan Fagundes*<sup>1</sup>

*Andréa Fonseca-Gonçalves*<sup>1</sup>

*Saul Martins Paiva*<sup>3</sup>

*Lucianne Cople Maia*<sup>1</sup>

doi: 10.1590/0102-311XPT169723

### Introdução

No primeiro trimestre de 2023, o acontecimento sequencial de ataques violentos em creches, pré-escolas e escolas brasileiras fez com que a mídia nacional e internacional alertasse que o país está passando por uma “epidemia” de violência nas escolas<sup>1</sup>.

Entre 2002 e 2022, foram registrados 16 ataques violentos com vítimas fatais em escolas do Brasil<sup>2</sup>. Em 2023, novos ataques ocorreram, atingindo a vida de profissionais da educação, estudantes e seus familiares. Entre eles, destaca-se o ocorrido em uma creche de Santa Catarina, reconhecido como o Massacre de Blumenau, causando a morte de quatro crianças com idade entre 4 e 7 anos<sup>3</sup>.

Além dos casos de violência cometidos por agressores externos à escola, ações violentas realizadas por alunos contra professores<sup>4</sup> e por professores contra alunos também foram recentemente registradas no país, como no caso em que a diretora de uma creche foi denunciada por cometer atos de tortura contra uma criança de 5 anos na cidade de São Paulo<sup>5</sup>.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), violência é o uso intencional de força ou ameaça, podendo resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação<sup>6</sup>, apresentando natureza física, psicológica, sexual ou pela negligência e pelo abandono<sup>6,7</sup>. Sob a perspectiva dos estudantes enquanto vítimas, esses eventos violentos constituem formas explícitas de experiências adversas na infância, podendo impactar suas vidas irreparavelmente<sup>8,9,10</sup>.

Apesar da vertiginosa veiculação de notícias acerca dos casos de ataques seguidos de lesões corporais e/ou mortes em escolas brasileiras, pouco se discute sobre as consequências desses episódios na vida e na saúde daqueles que sofreram ou presenciaram esses ataques. O objetivo deste artigo é, utilizando os conceitos de experiências adversas na infância, discutir os impactos dos ataques violentos às escolas na saúde dos estudantes sobreviventes e desenvolver reflexões acerca da abordagem preventiva desses eventos.

<sup>1</sup> Faculdade de Odontologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup> Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>3</sup> Faculdade de Odontologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

### Correspondência

L. C. Maia  
Rua Professor Rodolpho Paulo Roco 325, Rio de Janeiro, RJ 21941-617, Brasil.  
rorejfa@terra.com.br



## Experiências adversas na infância e os impactos sobre a saúde ao longo da vida

O termo experiências adversas na infância deriva da expressão em inglês *adverse childhood experiences*, constituindo eventos ou situações traumáticas vivenciadas nos primeiros 18 anos de vida. Estudos brasileiros demonstraram alta prevalência de pelo menos uma experiência adversa na infância entre crianças, adolescentes e adultos jovens <sup>11,12</sup>. Entre outros eventos traumáticos que podem permear a infância e adolescência de um indivíduo, estão o bullying e a violência na comunidade, na qual se inclui a escola <sup>13</sup>.

Além de estarem associadas à mortalidade precoce e ao aumento de doenças crônicas <sup>14</sup>, as experiências adversas na infância podem resultar em estresse tóxico e problemas de saúde mental, prejudicando o desenvolvimento saudável das vítimas, desde a infância até a vida adulta. Dependendo da magnitude do evento, as experiências adversas na infância podem influenciar na ocorrência de depressão e intenção suicida entre adolescentes e adultos que vivenciaram esses estressores <sup>15</sup>.

As consequências de experiências adversas na infância na saúde dos sobreviventes de episódios violentos são vastas, podendo gerar hábitos não saudáveis e o agravamento de outros processos patológicos <sup>16,17</sup>. Observam-se, ainda, associações entre experiências adversas na infância e transtorno de déficit de atenção com hiperatividade em crianças e adolescentes, inclusive quando se investigou isoladamente a violência comunitária <sup>18</sup>. Destaca-se que vítimas de eventos traumáticos entre 4 e 5 anos são mais propensas a desenvolver problemas comportamentais e de desenvolvimento <sup>19</sup>, sendo um fator de alerta sobretudo em casos como o da creche em que ocorreu o Massacre de Blumenau.

A reinserção das vítimas no ambiente escolar precisa ser amplamente discutida, uma vez que os impactos na saúde física e mental são intensos, além de também exercer influência no desempenho acadêmico <sup>20</sup>. Apesar da escassez de pesquisas que investiguem as experiências adversas na infância ocorridas em escolas e especialmente envolvendo eventos violentos, deve-se pensar não só na oferta de acompanhamento médico e psicológico, mas também em adaptações pedagógicas e do espaço físico da escola. Além disso, um lar fortalecido e uma comunidade saudável podem evitar o comprometimento do desempenho escolar, já que esses são fatores protetores para crianças que vivenciam experiências adversas na infância <sup>20</sup>. Assim, cria-se uma rede de apoio visando ressignificar para crianças, adolescentes e professores o ambiente em que suas vidas foram permeadas pela violência.

## Estratégias de prevenção a partir da origem multidimensional dos ataques

Identificar as origens e os fatores determinantes para ataques violentos em escolas é um desafio, sobretudo ao observar as múltiplas faces dos agressores nos casos mencionados: agente externo <sup>3</sup>, estudante <sup>4</sup> e professor <sup>5</sup>. Posto isso, para refletir, propor e estabelecer medidas de prevenção e contingenciamento dessa “epidemia”, são necessárias políticas públicas que promovam núcleos multiprofissionais para compreender e intervir na raiz dessa violência, além de treinar continuamente os profissionais que compõem o sistema educacional (envolvendo professores, diretores, inspetores, entre outros), não só para a abordagem preventiva, mas para a identificação e redução de danos da violência na escola em suas diferentes formas, inclusive nas de menor magnitude.

Diversos autores pautam a violência na escola a partir da teoria bioecológica de Bronfenbrenner, considerando-se as influências do ambiente, as relações interpessoais e os fatores sociais aos quais um indivíduo está exposto, e como esses podem aumentar o risco para a vitimização ou para a perpetração da violência <sup>8,20</sup>. Esse modelo entende que a violência se desenvolve a partir de sistemas ecológicos que atuam simultaneamente <sup>8</sup>, englobando a casa, a escola, os ambientes comunitários, e, assim, considera que as interações nesses ambientes podem impactar no desenvolvimento do indivíduo. Portanto, quanto mais saudável e favorável for esse ecossistema, melhor será o desenvolvimento; e quanto mais adverso e disfuncional, maiores serão as chances de desenvolvimento de um comportamento violento e nocivo para si e para os outros.

Em resposta aos ataques, o Poder Executivo anunciou um pacote de medidas que visa conter os índices de violência nas escolas. Elencam-se a criação de um sistema de monitoramento, que inclui um modelo de “disque-denúncia” desses eventos, e o incentivo à produção de estudos e levantamentos epidemiológicos relacionados à ocorrência desses casos <sup>21</sup>. Além disso, foi anunciada uma

proposta de alteração da *Lei nº 8.072*, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, visando incluir, também, os casos de violência gravíssima e com lesão corporal seguida de morte ocorridos em escolas <sup>22</sup>.

Perante a complexidade da problemática, uma discussão ampliada é necessária, sendo preciso refletir sobre o espaço que a escola ocupa e como ela se apresenta no ecossistema do agressor, bem como os motivos pelos quais ela se torna palco de violência no tempo presente ou futuro. No presente, como no caso de estudantes e professores que vivenciaram atos violentos no espaço escolar em virtude de suas vivências enquanto aluno ou trabalhador. No futuro, quando o ataque violento é potencialmente associado a experiências anteriores, como no caso do Massacre de Realengo em 2011, em que o ex-aluno de uma escola municipal do Rio de Janeiro invadiu a unidade e assassinou 12 adolescentes, após, segundo a família e os colegas próximos, ter sofrido bullying e agressões físicas no espaço escolar, há dez anos <sup>23</sup>. Um estudo americano demonstrou que, nos ataques a tiros em ambiente escolar, 72% dos agressores tinham sofrido pelo menos uma experiência adversa na infância, como exposição à violência, e 60% haviam sofrido bullying <sup>24</sup>, reforçando que esses atos violentos podem estar conectados ao acúmulo de experiências vividas ainda na infância.

## Considerações finais

Apesar do crescente quantitativo de evidências que versam sobre o impacto cumulativo das experiências adversas na infância vividas sobre a saúde dos indivíduos, deve-se dar destaque à produção de conhecimento científico sobre os impactos específicos relacionados aos eventos violentos no ambiente escolar, sobretudo em função do papel singular que esse espaço representa para o desenvolvimento infantojuvenil.

Nessa perspectiva, as escolas podem influenciar o comportamento de alunos e demais atores por meio de várias abordagens, entre as quais destaca-se a identificação de crianças/adolescentes vulneráveis ou cronicamente expostos a situações de risco, violência, bullying e maus-tratos. Ainda sob essa ótica, a escola pode incentivar a troca de informações, encorajando o aluno a falar e pensar sobre suas próprias experiências; identificar e encaminhar para serviços de saúde e desenvolver ações de promoção de saúde, sendo importante destacar o papel das secretarias estaduais e municipais, sobretudo de saúde e educação, nas ações de formação continuada dos profissionais envolvidos nesse processo, bem como na destinação de recursos humanos e financeiros para a implementação de medidas articuladas. Essas estratégias podem envolver, por exemplo, práticas que simulem casos reais frequentemente vivenciados no cotidiano escolar e diferentes formas de abordá-las, visando garantir a integridade de todos os atores envolvidos no complexo educacional. A reflexão sobre a cultura da violência escolar não deve focar apenas em agressores e vítimas, mas em todos os vulneráveis, ensinando as pessoas a reconhecerem, a relatarem e a não se intimidarem. A casa, a comunidade e a escola precisam ser ambientes positivos para que o aluno se sinta seguro.

Compreender a diversidade etiológica e o desenvolvimento ecológico da violência torna-se condição *sine qua non* para evitar, a longo prazo, o acontecimento de novos casos da dita epidemia de violência nas escolas. Assim, os cuidados em atenção primária à saúde na escola ou fora dela deveriam incluir triagem para as experiências adversas na infância <sup>25</sup>, como forma de proteção à criança e ao adolescente e subsídio para o desenvolvimento e fortalecimento de programas de monitoramento, contingenciamento e prevenção de experiências adversas na infância entre os escolares, sejam elas ocorridas no ambiente escolar ou não, uma vez que as relações sociais, interpessoais e ambientais também podem reverberar nesse espaço e, conseqüentemente, propiciar o desenvolvimento de atitudes violentas e suas conseqüências.

Por fim, é preciso atuar sobre o desafio de reinserir as crianças e adolescentes que sobreviveram a esses ataques no ambiente escolar, entendendo, principalmente, os potenciais impactos em seu desenvolvimento global ao longo da vida. Para além do acompanhamento multiprofissional já mencionado, devem ser elaboradas estratégias conjuntas que apresentem a elas, novamente, o real significado da palavra escola.

## Colaboradores

L. A. Jural contribuiu com a concepção do estudo, redação e revisão; e aprovou a versão final. P. A. Risso contribuiu com a concepção do estudo, redação e revisão; e aprovou a versão final. A. J. L. A. Cunha contribuiu com a concepção do estudo e redação; e aprovou a versão final. F. A. Fagundes contribuiu com a revisão; e aprovou a versão final. A. Fonseca-Gonçalves contribuiu com a concepção do estudo, redação e revisão; e aprovou a versão final. S. M. Paiva contribuiu com a concepção do estudo, redação e revisão; e aprovou a versão final. L. C. Maia contribuiu com a concepção do estudo, redação e revisão; e aprovou a versão final.

## Informações adicionais

ORCID: Lucas Alves Jural (0000-0002-9772-1562); Patricia de Andrade Risso (0000-0002-9961-6678); Antônio José Ledo Alves da Cunha (0000-0003-3592-1849); Fábio Anevan Fagundes (0000-0001-7837-4692); Andréa Fonseca-Gonçalves (0000-0001-6467-7078); Saul Martins Paiva (0000-0002-3968-1638); Lucianne Cople Maia (0000-0003-1026-9401).

## Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES; DS – 01) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq; 310225/2020-5).

## Referências

1. Gual JR. The violence 'epidemic' in Brazil's schools: more than 1,200 cases under investigation. *El País* 2023; 19 apr. <https://english.elpais.com/international/2023-04-19/the-violence-epidemic-in-brazils-schools-more-than-1200-cases-under-investigation.html>.
2. Cara DT. Relatório. O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. <https://campanha.org.br/acervo/relatorio-ao-governo-de-transicao-o-ultra-conservadorismo-e-extremismo-de-direita-entre-adolescentes-e-jovens-no-brasil-ataques-as-instituicoes-de-ensino-e-alternativas-para-a-acao-governamental/> (accessed on 05/Aug/2023).
3. Borges C, Pacheco J. Quatro crianças são mortas em ataque a creche em Blumenau; homem foi preso. *G1* 2024; 5 apr. <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/ataque-creche-blumenau.ghtml>.
4. Estudante de 13 anos mata professora e fere mais quatro pessoas em escola estadual de São Paulo. *Jornal Nacional* 2023; 27 mar. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/03/27/estudante-de-13-anos-mata-professora-e-fere-mais-quatro-pessoas-em-escola-estadual-de-sao-paulo.ghtml>.
5. Depoimentos de pais e funcionários levaram escola infantil a ser investigada por tortura em São Paulo. *Fantástico* 2023; 2 jul. <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2023/07/02/depoimentos-de-pais-e-funcionarios-levaram-escola-infantil-a-ser-investigada-por-tortura-em-sao-paulo-video.ghtml>.
6. Krug EG. Relatório mundial sobre violência e saúde. Geneva: Organização Mundial da Saúde; 2002.
7. Ministério da Saúde. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.
8. Assis SG, Constantino P, Avanci JQ, Njaine K. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Editora Fio-cruz; 2023.
9. Charlot B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias* 2002; (8):432-43.
10. Felitti VJ, Anda RF, Nordenberg D, Williamson DF, Spitz AM, Edwards V, et al. Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults. The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *Am J Prev Med* 1998; 14:245-58.
11. Andrade CR, Avanci JQ, Oliveira RVC. Experiências adversas na infância, características sociodemográficas e sintomas de depressão em adolescentes de um município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad Saúde Pública* 2022; 38:e00269921.
12. Risso PA, Jural LA, Santos IC, Cunha A. Prevalence and associated factors of adverse childhood experiences (ACE) in a sample of Brazilian university students. *Child Abuse Negl* 2023; 19:106030.

13. Pereira FG, Viana MC. Cross-cultural adaptation of the Adverse Childhood Experiences International Questionnaire. *Rev Saúde Pública* 2021; 55:79.
14. Mersky JP, Topitzes J, Reynolds AJ. Impacts of adverse childhood experiences on health, mental health, and substance use in early adulthood: a cohort study of an urban, minority sample in the U.S. *Child Abuse Negl* 2013; 37:917-25.
15. Muwanguzi M, Kaggwa MM, Najjuka SM, Mamun MA, Arinaitwe I, Kajjimu J, et al. Exploring adverse childhood experiences (ACEs) among Ugandan university students: its associations with academic performance, depression, and suicidal ideations. *BMC Psychol* 2023; 11:11.
16. Ramírez Labbé S, Santelices MP, Hamilton J, Velasco C. Adverse childhood experiences: mental health consequences and risk behaviors in women and men in Chile. *Children (Basel)* 2022; 9:1841.
17. Brown NM, Brown SN, Briggs RD, Germán M, Belamarich PF, Oyeku SO. Associations between adverse childhood experiences and ADHD diagnosis and severity. *Acad Pediatr* 2017; 17:349-55.
18. Marie-Mitchell A, O'Connor TG. Adverse childhood experiences: translating knowledge into identification of children at risk for poor outcomes. *Acad Pediatr* 2013; 13:14-9.
19. Robles A, Gjelsvik A, Hirway P, Vivier PM, High P. Adverse childhood experiences and protective factors with school engagement. *Pediatrics* 2019; 144:e20182945.
20. Bronfenbrenner U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.
21. Lula sanciona a criação de sistema de monitoramento da violência escolar, com disque-denúncia. *Carta Capital* 2023; 3 aug. <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/lula-sanciona-a-criacao-de-sistema-de-monitoramento-da-violencia-escolar-com-disque-denuncia/>.
22. Lo Re I, Ferreira P. Governo Lula quer que ataques a escolas sejam punidos como crimes hediondos. *CNN Brasil* 2023; 21 jul. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/ataque-a-escolas-governo-lula-quer-que-casos-sejam-punidos-como-crime-hediondo/>.
23. Lopes AJ. Considerações sobre o massacre de Realengo. *Estudos de Psicanálise* 2012; (37):25-44.
24. Dowdell EB, Freitas E, Owens A, Greenle MM. School shooters: patterns of adverse childhood experiences, bullying, and social media. *J Pediatr Health Care* 2022; 36:339-46.
25. Estrada-Darley I, Chen P, McBain R, Alvarado G, Engel C, Malika N, et al. Patient and caregiver perspectives on implementation of ACE screening in pediatric care settings: a qualitative evaluation. *J Pediatr Health Care* 2023; 37:616-25.

---

Recebido em 06/Set/2023

Versão final reapresentada em 02/Dez/2023

Aprovado em 07/Dez/2023